

A TESTEMUNHA

Ao chegar em casa, logo viu, na sala, manchas de barro no tapete. Eram pegadas de sola de sapatos. Não poderiam ser da empregada (que já fora embora), porque ela era cuidadosa, e jamais deixaria ali aqueles sinais barrocos.

Morava sozinho, e concluiu sem nenhuma dúvida que algum estranho ali entrara. Havia chovido antes durante algumas horas, o que explicava as pegadas no tapete, deixadas pelo intruso.

Cautelosamente, foi examinar os outros cômodos, supondo que seu visitante ainda poderia ali estar. Mas não encontrou ninguém, nem deu falta de nenhum objeto. De qualquer maneira, aquela visita não podia ser boa coisa. Irritado, foi sentar-se na poltrona da sala, e notou ainda que as pegadas, pelo tamanho e formato, seriam de sapatos de homem.

Pareceu-lhe também que o intruso que ali entrara não fora apenas descuidado, mas teria deixado as pegadas de propósito. E não seria conveniente limpá-las, porque aquilo seria pista para ser investigada pela polícia.

Ao telefonar, porém, para a Delegacia mais próxima, a pessoa que o atendeu perguntou-lhe se fora furtada alguma coisa, ou se tinha havido violência contra alguém. Respondeu negativamente, e então lhe disseram que não era caso de intervenção policial, ainda mais porque os policiais estavam assoberbados de serviço, e aquilo era uma insignificância.

Mas como entrara em sua casa o desconhecido, se as portas e as janelas não estavam arrombadas?

E já que a polícia não o acudia, foi limpar as manchas, com um pano úmido, e depois escovou o tapete.

O fato não o alarmou, mas o aborreceu. Considerou ainda que o seu visitante deveria ter uma chave da porta. Como a teria obtido? Ou será que teria usado de outras manobras hábeis, para abrir a porta, como se vê em filmes?

No dia seguinte, mandou trocar a fechadura da porta.

Uma semana depois, ao retornar para casa, viu que um quadro pendurado na parede estava virado ao contrário. Interrogada, sua empregada negou que o tivesse virado na parede.

Tudo demonstrava que o intruso pretendia que ele notasse a sua passagem pela casa. Os sinais deixados seriam um aviso. Aviso do quê?

Foi falar com um investigador particular que lhe indicaram, e o homem lhe disse: “Isto deve ter alguma significação”. Ora, isto ele sabia. O investigador também lhe propôs vigiar a sua casa durante uma semana. Seria dispendioso, e ele recusou.

Em dias sucessivos, com intervalos breves ou longos, fatos semelhantes ocorreram. Passou a ficar desconfiado de amigos e conhecidos, mas todos eles pareciam ignorar completamente o que vinha acontecendo.

Pensou em colocar um ferrolho na parte interna da porta. Mas isso seria inútil, porque, ao sair, não poderia deixar o ferrolho prendendo a porta.

Falou com uma amiga, a quem visitava regularmente. Ela ponderou: “É curioso, muito curioso. Alguém o visita e deixa sinais evidentes da sua passagem. Quem sabe você é sonâmbulo, e você mesmo deixa os sinais?”.

Era uma hipótese, mas pouco provável porque ele nunca fora sonâmbulo ou tivera distúrbios de sono. Ao contrário, sempre dormira muito bem, como um anjo, ou uma pedra.

Refletiu então: que é que nós sabemos de nós mesmos? Que pistas deixamos para marcar a nossa passagem pela vida?

E, durante o resto de sua existência, foi testemunha de si mesmo. Uma testemunha incontestada, nunca vista, nem ouvida.

Antonio Carlos Augusto Gama

Promotor de Justiça, aposentado